



A advertência do Senador

Atenção para o recado do senador José Sarney. Se ele corresponde ao passado e ao presente, responde também pelo futuro. A verdade é esta mesmo: foram os civis que convocaram os militares em 1964, indo aos quartéis e fazendo passeatas urgindo sua intervenção.

A crise econômico-financeira continua brava. Quem se candidata, agora a dirigir o País na realidade está-se propondo a segurar um foguete. Não será em comícios que se resolverá o problema. No máximo se colherá ali a expressão de descontentamento generalizado, extensivo portanto aos políticos, que bateram o recorde de pouca credibilidade popular numa recente pesquisa de opinião por conhecida revista de circulação nacional. O que, sem precipitar julgamentos injustos sobre um segmento da sociedade que também merece respeito, significa no mínimo uma advertência.

Eis que aparece outra, partindo de parlamentar experimentado não só nas lides do Congresso, mas também em contatos diversos, onde deve ter colhido material para seu pronunciamento.

Realmente, as Forças Armadas são, em última instância, o povo fardado, principalmente a classe média, básica para toda democracia. Diminuí-las, ou manchá-las, implica prestar grande desserviço à abertura, com resultados imprevisíveis.

Quem quer lançar mais lenha à fogueira?

O País assiste, preocupado, a esta escalada de temores. Ninguém pode se sentir seguro sem respeito às instituições. A militar é uma delas. O braço armado da Nação. Espera-se que todos contribuam para um desfecho pacífico de tudo isto, sem subestimar o rumo que os acontecimentos podem tomar, se não houver muita sensatez política.